



Voz de Retaxo

DIRECTOR:
JOÃO A. PIRES CARMONA
BIMESTRAL | ANO 34º
N.º 214
MARÇO e ABRIL de 2020

Editorial

O mundo está diferente, o Corona Vírus virou tudo do avesso. Os receios de contágio, o medo da doença, tomaram conta dos nossos dias, puseram-nos em casa, quase pararam o comércio, quase pararam a indústria, abrandaram o nosso viver e o que faz andar o mundo, a economia. No fim e como sempre, haverá os ricos muito mais ricos e os pobres mais pobres e em maior número. Que raio de sina!

Esperamos que a situação que vivemos tenha mostrado às pessoas a importância da existência de um Serviço Nacional de Saúde (SNS) que responda – como este tem respondido! – às necessidades de todos nós, especialmente dos mais carenciados, de menores recursos.

O SNS criado pelo saudoso António Arnault e que tantos têm procurado destruir, é um bem inestimável, uma jóia preciosa que merece que lutemos por ela, com o nosso voto e, com a nossa denúncia se funcionar mal.

Pasmo com os ataques que tenho ouvido às pessoas das Ministra da Saúde e da Directora Geral de Saúde, só porque não utilizaram as palavras que “jornaleiros” e “paineleiros”, que conhecem e sabem tudo, queriam que tivessem usado. Não sabem, talvez porque nunca tenham estado nessa situação, o que é ter de decidir, de tomar medidas em tempo curto, sem os meios necessários e sem a informação e conhecimento necessários a uma boa e correcta decisão! Daí a importância de haver um governo, a importância de Portugal ser e constituir um ESTADO, ou seja uma Nação politicamente organizada!...

Que a nível individual, cada um de nós e no seu dia a dia, saiba acatar as recomendações das entidades competentes, seja rigoroso no cumprimento dos cuidados estabelecidos por quem sabe mais que nós, defendendo-se a si e todos os outros que o rodeiam.

João A. Pires Carmona
P.S. o autor segue a ortografia antiga



- CORONA VÍRUS E OUTRAS PANDEMIAS
- DA GUERRA AO 25 DE ABRIL: DAS EPIDEMIAS
- QUE NOS ESPERAVAM
- ESPERANÇA RENOVADA EM PANDEMIA TERMINADA...

• paginas 4 e 5

HISTÓRIAS DE VIDA

é uma rubrica que recorda a uns e dá a conhecer a outros como se vivia



ZÉ BOUCEIRO - O operário, o mestre, o fadista e o cozinheiro que gostava de viver

• paginas 6 e 7

A Fábrica da Memória

O Benemérito João Salavessa ...e o chafariz de Cebolais

**ALÍSIO SARAIVA
e os seus “amores”**



Por falta de espaço não publicamos neste número os títulos acima pelo que apresentamos as nossas desculpas aos seus autores.

Nota do DIRECTOR: Os conteúdos do jornal VOZ DE RETAXO não vinculam a ACSRFRETAXO mas apenas o autor, cujo nome é inscrito!



**Albano Pereira Leitão,
Unipessoal Lda.**

**PÃO CASEIRO
BROAS DE MEL - BISCOITOS - BOLOS DE FESTA**

Rua Nun'Álvares Pereira, 6
6000-500 CEBOLAIS DE CIMA

Telef. 272 998 676
Telem. 933 189 386

Restaurante

Restaurante Regional | Café | Convívios



“O Ramalhete”

de Paula & Lurdes Ramalhete

Especialidade da Casa:
Cabrito - Bife à Casa - Bacalhau à Lagareiro

Coordenadas: N 39° 46' 10" W 7° 25' 27"
EN 3, km 116 (junto ao apeadeiro da CP)

Telef.: 272 989 484 - 962 289 565
REPRESA 6000 - 620 Retaxo



PANDEMIA

Esta maldita pandemia
Trouxe tudo o que eu não queria
Amigos e família afastados
Beijos e abraços adiados
Profissionais de saúde e doentes isolados

Para evitar a propagação
Vamos todos ficar em reclusão
Por isso fiquem em casa
Isto não é brincadeira, não!

Os números não param de aumentar
Temos de aceitar a quarentena
Por isso, vamos todos acalmar
Porque o vírus é quem mais ordena

A lista de doentes e defuntos
Não deixa de engrossar
Mas com a união de todos
Esta pandemia irá acabar

Para terminar quero agradecer
E espero ninguém esquecer...
Sejam eles: médicos, enfermeiros,
Policiais, bombeiros, padeiros,
Trabalhadores rurais e muitos mais

A todos os que trabalham
Sem parar, para nada nos faltar
O meu bem-haja vou deixar.

Conceição Correia 06.04.2020



CANTINHO DA POESIA

A grave crise que vamos vivendo no dia a dia levou-me a pensar em desafiar os habituais poetas destas páginas a “desta vez versarem sobre a pandemia, sobre o COVID19”. Todos aceitaram o repto e na 1ª. página e abaixo, publicamos os contributos que nos enviaram. O VOZ DE RETAXO agradece a disponibilidade, estando certo que as suas palavras são um incentivo e ao mesmo tempo um alerta para todos os leitores.

Maldito Coronavírus

Maldito coronavírus

És mesmo um bicho danado
Se te apanho levas com um pano encharcado...
Um pano encharcado de lixívia
E mais uns quantos químicos, para te matar
Senão quando irás parar

Nesta luta tudo serve para o bicho anular
Por isso é urgente uma vacina criar
Há falta de luvas, máscaras e reagentes
Mas os nossos químicos são uns valentes
E vão fabricar os produtos
Que nos estão a faltar

É preciso testar os idosos
A quem devemos respeito
Sem esquecer o resto da população
Que vive nesta aflição

Covid-19 é um vírus resistente
Que não deixa de matar gente
Mas não cantes de gallo
Logo, logo vem a vacina
Para acabar com esta sina

Abateu-se este mal sobre o Mundo
Não distingue sexo ou idade
A todos trata de igual sorte
Seja plebeu, nobre, rico ou pobre
Nem quem tem mais dinheiro
És mesmo um bicho traiçoeiro!

Conceição Correia 09.04.2020

CORONA VÍRUS (COVID 19)

I
Andei na guerra colonial
Vi camaradas morrer ao meu lado
Foi uma época muito conturbada
Mas eu nunca me dei como derrotado
II
Foram uns longos 25 meses
Que eu por lá andei e lutei
Apanhei lá a “líc” e o “paludismo”
Mas nunca eu desanimei
III
Eu embarquei para lá
Com muita fé e paixão
Porque eu nunca
Tinha andado de avião
IV
Agora passados quase 50 anos
Uma nova guerra se está a combater
É um vírus, o vírus COVID 19
Onde muita gente está a morrer

V
Maldita doença invisível
Que pelo mundo se espalhou

Só sei que foi na China
Que todo este mal começou
VI
Estou na casa dos 70 anos
E nunca vi nada assim
Mas tenho fé e esperança
Que isto vai ter um fim
VII
A ordem é para estar em casa
Que eu cumpro com algum rigor
Mas ainda há muita boa gente
Que não lhes dá nenhum valor
VIII
Eu sou católico não praticante
Pergunto o que anda Deus a fazer
Que não ajuda nem dá apoio
Aos que pelo mundo estão a sofrer

IX
No meio de toda esta turbulência
Devemos ter medo mas não desaninar

Devemos ter força, fé e esperança
Que tudo isto um dia vai acabar
X
A todos os envolvidos nesta doença
Pessoal médico, auxiliar, PSP, GNR e
Bombeiros
Que por nós trabalham e nos defendem
E que apanhar a doença são os primeiros
XI
A todos eles presto a minha gratidão
Por tudo o que nos estão a fazer
O meu obrigado pelo seu desempenho
Que evita que tantos e tantos possam morrer.

Carlos Ribeiro
ABRIL 2020



Aniversariantes de Janeiro e Fevereiro

Espaço dos Nossos Associados

Aniversariantes de Março e Abril

Março

Manuel de Oliveira G. Galvão
Nazaré Carrolo
Rui Miguel Almeida Oliveira
Maria de Jesus
António Oliveira pires
Isabel Maria Belo Gomes
Fábio Miguel Martins Barata
Maria de Lurdes Ferro Rodrigues
Vítor Manuel Alves Correia

Abril

António Lopes Ribeiro
Manuel de Almeida Barata
Leontina do Rosário Nunes Rodrigues
Graciosa Rodrigues Carmona
Agostinho Beirão Gomes Belo
Amândio da Conceição Ribeiro
Henrique Nunes Paulo
José Cabrito Vaz
Elsa Mª Pires S. F. Almeida
Carlos Alberto Simões Duarte
Maria da Piedade Salgueiro Barata
Paula Maria Pinheiro Rosa
João Gonçalves Ribeiro Mota
Manuel Nunes Fonseca
Domingos Gomes Ramos de Almeida
Carlos Joaquim Oliveira Mendes
João Luís Carmona Ribeiro
João Manuel Mendes Belo
Joaquim Rosa Gonçalves

----- soneto da quarentena -----

Há que cumprir este confinamento
Como um tribunal que decide uma pena
E ficamos tempos sem fim em quarentena
Serenos e calmos sempre em isolamento.

Por vezes desesperamos e surge o desalento
Que vem sorrateiro atacar como uma hiena
De quem em plena Primavera hiberna
Com um olhar de liberdade sedento.

Coisa que a todos nós afecta
E por isso muito temos que o recear
E em casa ficar sem medo e resistir.

A ninguém abrir a nossa porta
Usar a máscara para ar bom respirar
Enquanto este Inferno teimar em persistir.

ASSOCIAÇÃO EM NOTICIA

EVENTOS e ACTIVIDADES



O CORONA VÍRUS fez com que tivéssemos de colocar de lado a AGENDA DE ACTIVIDADES da ACSRF Retaxo e passássemos a funcionar de acordo com os confinamentos determinados pelo Governo. Nessa linha de actuação as portas da ACSRF Retaxo encerraram, mas CREMILDA OLIVEIRA continuou a assegurar o funcionamento da nossa Associação, nas tardes de todos os dias da semana excepto às quartas-feiras, no horário das 14.00 às 17.00 horas.



Aliás, desde 2010 que CREMILDA OLIVEIRA é o rosto diário nas tardes da ACSRF Retaxo, assegurando:

- A gestão e Distribuição dos bens do Banco Alimentar
- O expediente da Associação, nele se incluindo o atendimento de quem ali se dirigir, associados e outros;
- A arrumação e limpeza das instalações;
- O serviço de cópias e quotas;

Nesta última semana, Cremilda Oliveira procedeu à gestão e distribuição dos bens alimentares recebidos do Banco Alimentar contra a fome, actividade que não se sabe ainda se sofrerá algum atraso dado o facto de se terem esgotado os bens existentes em stock e o Banco Alimentar estar impedido de proceder às campanhas de recolha desses bens, campanhas que são o principal suporte da sua actividade.

João A. Pires Carmona



PADARIA
CANELAS & COELHO, Lda.

Fabrico de Pão e Bolos Regionais

Contactos: 272989560 / 966101 270 / 963607590
6030-111 Amarelos / Sarnadas de Ródão

LISTA DE SÓCIOS – actualizada em 9 de Janeiro de 2020

No último número informámos que a numeração de associado havia sido actualizada. Para que cada sócio conheça mais facilmente o seu número de sócio actual, publicamos a listagem de todos os associados com excepção daqueles que, sendo ainda associados, não procederam ao pagamento das suas quotas. Se o vosso nome não constar na listagem abaixo, é sinal de que é um dos que tem quotas em atraso, pelo que agradecemos proceda à sua regularização junto da Cremilda ou através de transferência bancária para o IBAN indicado.

A nossa Associação precisa de si. Por favor, ajude-a!

 SÓCIOS - actualização JANEIRO2020	Nº 41 - (quotas em atraso) Nº 42 - Isabel Maria Nunes Lourenço Nº 43 - Idalina Rodrigues Afonso Nº 44 - Alberto José Pires Afonso Nº 45 - (quotas em atraso) Nº 46 - José Moura Ferro Nº 47 - João Carlos Ferro Rodrigues Nº 48 - Maria Antónia Marques Miranda Nº 49 - Otelinda Pires Duarte Salavessa Nº 50 - António Mota Martins Nº 51 - Januário Rodrigues Marques Nº 52 - Francisco Manuel Barreto Falcão Nº 53 - Paula Cristina Correia Leitão Nº 54 - Maria Madalena N. D. Salavessa Nº 55 - José Gomes de Oliveira Rodrigues Nº 56 - Joaquim Manuel Ferro Rodrigues Nº 57 - (quotas em atraso) Nº 58 - Elsa M. Pires Sequeira F. Almeida Nº 59 - João Alberto Fazenda Pires Nº 60 - Adélia Ramos Faustino Nº 61 - José Ferro Correia Nº 62 - Maria Emilia D. L. Oliveira Nº 63 - Manuel de Oliveira G. Galvão Nº 64 - (quotas em atraso) Nº 65 - José Emanuel Pires Moura Ferro Nº 66 - Luís Vaz Bicho Mendonça Nº 67 - João Pedro Pires Goulão Nº 68 - Gonçalo Filipe Pires Cristóvão Nº 69 - António Luís Mota Alves Nº 70 - António Lopes Ribeiro Nº 71 - Carlos Manuel Lopes de Oliveira Nº 72 - Carlos Manuel Gonçalves Ramos Nº 73 - Carlos Manuel Ribeiro Faustino Nº 74 - Carlos Alberto Duque Ribeiro Nº 75 - Joaquim Rosa Gonçalves Nº 76 - Amílcar Belo Grade Ramos Nº 77 - (quotas em atraso) Nº 78 - Belarmino de J. Oliveira Rodrigues Nº 79 - Sebastião José Fonseca Canelas Nº 80 - Laurinda M. Duarte Coelho Canelas Nº 81 - Joaquim Pires Viléla Nº 82 - Sílvia Alexandra Ribeiro Antunes Nº 83 - Margarida Pires Goulão Nº 84 - (quotas em atraso) Nº 85 - José Virgílio Fidalgo dos Santos Nº 86 - Hugo Daniel Mendes Tavares Nº 87 - Domingos Ribeiro de Oliveira Nº 88 - José Manuel Carmona Ribeiro	Nº 89 - Nuno Miguel Pereira Pires Nº 90 - Maria de Lurdes C. M. N. Roque Nº 91 - Manuel Nunes Fonseca Nº 92 - Zulmira Rosa Nunes Barreto Nº 93 - Joana Alexandra F. P. F. Rodrigues Nº 94 - Maria de Fátima Oliveira Martins Nº 95 - Maria da Conceição Ferro Correia Nº 96 - Tânia Alexandra Afonso Lourenço Nº 97 - Ana Rosa Ribeiro Antunes Nº 98 - João Gonçalves Ribeiro Mota Nº 99 - Maria Tomásia da Costa Pires Nº 100 - Deolinda Nunes G. Rodrigues Nº 101 - António Ribeiro Belo Nº 102 - Ludovina M. Ribeiro F. P. Belo Nº 103 - Leontina do Rosário N. Rodrigues Nº 104 - Domingos Gomes Rodrigues Nº 105 - João Duarte de Oliveira Nº 106 - Sara Cláudia R. Lopes Santos Nº 107 - Domingos Belo Correia Nº 108 - António Eduardo dos S. Oliveira Nº 109 - Rui Miguel Almeida Oliveira Nº 110 - Carlos Alberto Simões Duarte Nº 111 - Clara Maria Lopes Carrega Nº 112 - Cremilda Martins de Oliveira Nº 113 - Díliz Miguel Gomes Salgueiro Nº 114 - Isabel da Conceição Pires Tavares Nº 115 - Jorge Manuel Pires T. Gonçalves Nº 116 - Manuel Ribeiro Alves Nº 117 - Sérgio Manuel Gonçalves Marques Nº 118 - Graciosa Rodrigues Carmona Nº 119 - João Correia Barata Nº 120 - Maria de Jesus Nº 121 - Nazaré Belo Duarte de Oliveira Nº 122 - Manuel Alfredo Rocha Garcia Nº 123 - Natália Jesus Rodrigues Belo Nº 124 - (quotas em atraso) Nº 125 - Mabel Maria L. M. F. Mendes Nº 126 - Vergílio da Conceição Martins Calo Nº 127 - João Manuel Ribeiro Lourenço Nº 128 - Emilia Maria S. Pedro Bolet Nº 129 - Isabel Maria Belo Gomes Nº 130 - Maria dos Prazeres da A. A. Oliveira Nº 131 - Maria Ermelinda Milheiro Piçarra Nº 132 - Maria Filomena Milheiro Nº 133 - Celma de Lassalete do C. Nogueira Nº 134 - José Cabrito Vaz Nº 135 - João do Nascimento Mota Nº 136 - Olívia Maria C. C. de Pires Carmona	Nº 137 - Diogo Pinto Rosa Nº 138 - Armando Vaz Gonçalves Nº 139 - Alberto da Conceição Nunes Nº 140 - Túlio Manuel Ferro Rodrigues Nº 141 - João Manuel Antunes Lopes Nº 142 - António Fernandes Marques Nunes Nº 143 - Abílio Ferreira da Fonseca Nº 144 - Maria da Piedade Salgueiro Barata Nº 145 - Hermínia Maria Peres João Valente Nº 146 - Fábio Miguel Martins Barata Nº 147 - Maria Eduarda Sábio Corga Lucas Nº 148 - (quotas em atraso) Nº 149 - Manuel Rosa Bolet Nº 150 - João Alberto Pires Carmona Nº 151 - Manuel da Conceição Rodrigues Nº 152 - Carlos Dias Antunes Nº 153 - Maria Emilia R. S. Pedro Tavares Nº 154 - Eduardo Manuel Vaz Nº 155 - Aurora Maria C. C. Pires Carmona Nº 156 - Nazaré Carrolo Nº 157 - António Carlos da Silva Figueira Nº 158 - Maria José Cabeças Susana Tomé Nº 159 - Maria da Graça Lourenço Rodrigues Nº 160 - Manuel Pires Nunes Ferro Nº 161 - Maria Otilia Ribeiro D' Oliveira Nº 162 - Eusébio Almeida Gonçalves Nº 163 - Rosa Emilia Mota Pinto Nº 164 - Paula Maria Pinheiro Rosa Nº 165 - Maria Belo Dias Duarte Nº 166 - Maria dos Remédios Sabino Nº 167 - Ângelo Carvalho dos Santos
NOTA: Regulamento interno da ACSRF Retaxo, aprovado em 15 de Junho de 2007 ...			
Artº 18º - ... 1. Ao sócio que deixar de pagar 3 (três) meses de quotas e que depois de avisado não as liquidar, será dada baixa.			
Por favor, pague as suas quotas porque elas são o fundo de maneio da nossa Associação. São apenas 12 euros por ano. Transfira para o IBAN abaixo, indicando o seu número de sócio: PT50 0010.0000.1216.9450.0017.7			

Água é Vida
FRANCISCO MARTINS AFONSO

FUROS ARTESIANOS

Tel. 00351 272 997 329
Tlm. 00351 969 056 400

Estrada Municipal - REPRESA - 6000-620 Retaxo

Café “O Retiro”

Mediador Jogos Santa Casa
Bebidas e Petiscos
Máquina de Diversão

Rua 1.º de Dezembro, 26
Telef.: 272 989 393
6000-621 RETAXO
CASTELO BRANCO



ASSOCIAÇÃO EM NOTICIA

CORONA VÍRUS e OUTRAS PANDEMIAS

Não é a primeira vez, nem será a última, que o nosso mundo, a nossa Terra se confronta com o aparecimento de vírus que causam pandemias, dado que a sua ação e influência se estende por 2 ou mais continentes.

Todos os anos a simples GRIPE é responsável por mais de 3.000 (três mil) mortos só em Portugal, rezam as estatísticas. Também ela e tal como o CORONA VÍRUS ou COVID19, como foi registado e vai ficar conhecido, afecta fundamentalmente a população mais idosa porque normalmente já padece de outras doenças ou maleitas, que se agravam muitas vezes irremediavelmente.

Reza a história que entre as diferentes pandemias que mais marcaram este mundo a PNEUMÓNICA ou GRIPE ESPANHOLA (1918/1919), como ficou conhecida, foi a que mais danos provocou inflingindo a morte a cerca de 40 (quarenta) milhões de pessoas em todos o mundo, algumas dezenas de milhares em Portugal.

A PESTE NEGRA terá matado cerca de 25 milhões de pessoas, a SARS-COV1 (2002/2003) terá provocado cerca de 800 mortes e a MERS (2012, na Arábia Saudita) infectou apenas 64 pessoas mas matou 39 delas, numa taxa de 59%.

Não nos referindo ao Ébola ou ao HIV, por mais recentes, a minha geração que cumpriu a guerra colonial em África, conheceu bem a malária ou paludismo e ouviu falar da febre amarela, da varíola, difteria, tétano e febre tifóide e paratifóide (TAB) porque todos nós éramos vacinados logo que éramos alistados no serviço militar ou antes da partida para África.

Tendo chegado a Angola integrado numa Companhia de Fuzileiros (136 homens), um mês depois e ainda na cidade de Luanda, cerca de 40 homens já estavam ou tinham tido paludismo que, nos casos benignos, passava em cerca de uma semana, com tratamento à base de cloroquina/mephaquina/resoquina e antipiréticos. Nos casos em que o plasmódio se aloja no cérebro a situação clínica torna-se problemática porque facilmente pode levar à morte. Não havendo vacina específica, duas vezes por semana tomávamos 1(um) comprimido para que no caso de sermos atingidos a afecção fosse mais benigna. Mas vários foram os casos em que só após o fim das comissões e já em Portugal, é que a doença se manifestava e era um problema complicado quando o médico não era alertado para a estadia recente em África. Um dos "barbeiros" da minha Companhia de Fuzileiros veio a falecer cerca de 3 meses após o regresso a Portugal, atingido por "paludismo cerebral"!

Mas também a própria guerra é em si mesmo uma pandemia, apesar de não ser tratada como tal. Para que os leitores possam fazer a analogia, deixo-os com duas reflexões feitas por antigos camaradas de armas que, à sua maneira, divagam sobre algumas das pandemias que afectam algumas partes deste mundo que é nosso, mas não de todos!

João A. Pires Carmona

DA GUERRA AO 25 DE ABRIL: DAS EPIDEMIAS QUE NOS ESPERAVAM

Estamos, hoje, a enfrentar uma pandemia, o COVID 19, cujo alastramento rápido nos causa grande apreensão, porque não existe um medicamento eficaz que ataque, ou, pelo menos, reduza a sua letalidade.

Há 50 anos, quando cheguei à Guiné, como militar, já passara, nos últimos meses de 1969, pelo Hospital da Marinha, para receber medicação e controlos médicos para a malária/paludismo e vacina contra a febre amarela, bem como, antes contra a varíola, difteria e tétano e TAB.

E ao chegar a Bissau, contra a cólera.

Não imaginava, então, para que era necessário tanta picada, medicação e controlos sanitários.

Nem já me recordava de toda a miscelânea, se não tivesse à mão o «Livrete de Saúde», do Ministério da Marinha, com o nº 542 R.

E, entre as rubricas «gatafunhadas» dos médicos navais, consegui decifrar a de dois, que conheci na Guiné e que, na sua carreira, vieram a ser os responsáveis da Saúde Naval, com o posto de contra-almirantes, Silvestre Romero e Rui Abreu.

Foi, na Guiné, que verifiquei o que são epidemias e como criminoso é não ter serviços públicos sanitários para as combater.

Não, principalmente, para com os militares idos da «metrópole», mas, acima de tudo, para com as populações que ali viviam e, que, em hossanas nacionalistas,

os mentores do Império consideravam como fazendo parte de Portugal, do Minho a Timor.

Não sabia o que o paludismo provocava e a razia que fazia entre os naturais.

Sofri na pele os seus efeitos. Apesar da medicação, apanhei a febre palúdica.

Estive quatro dias internado, com febre de 41 ° centígrados, que me davam até alucinações, a receber injecções «cavaleiros», de que já não recordo o nome.

O facto ficou registado no «Livrete de Saúde Naval». Recuperei, mas ela «persegiu-me» durante vários anos, sem a virulência da primeira vez.

Por outro lado, o meu contacto com a «doença do sono» deu-se de uma maneira quase «surrealista».

Então, não tinha a mínima ideia de que existia e o que produzia.

A minha unidade estava destacada em Teixeira Pinto, hoje Canchungo, e um grupo de assalto, sob o meu comando, recebeu a missão de fazer um golpe de mão, algures na região na confluência norte dos Rios Mansoa e Baboque. Havia a informação de que um grupo guerrilheiro ali actuava. O comando regional indicou-nos um guia autóctone para nos acompanhar.

Seguimos de bote e desembarcámos num local previamente escolhido. Movimentámo-nos umas dezenas de

metros para o interior. De repente, o guia, que ia à frente, começa a gesticular para voltar para trás e a gritar, desesperadamente, em crioulo: «fugi, fugi, fugi» e de imediato mete os pés a caminho, em direcção à margem.

Pensei que vira as forças do PAIGC a dirigir-se para o local onde estávamos. Mandei parar e emboscar.

Contudo, ele não parava de gritar. Veio até mim e puxou-me o braço e dizia-me: «curri, curri, curri, no é tropa PAIGC. Mosca tsé-tsé»!

Realmente, via-se uma «multidão» de moscas a movimentar-se na nossa direcção. Até pareciam lindas, a esvoaçar num tom azulado.

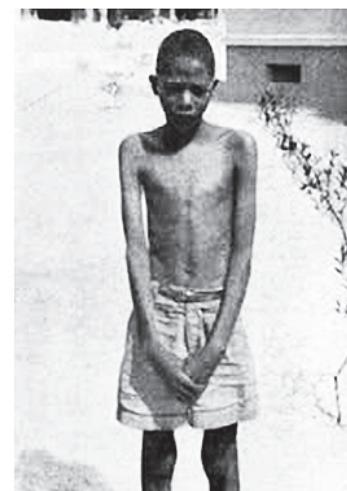
Caí em mim e dirigimo-nos apressadamente para os botes. Saltámos em passo de corrida e zarpámos sem olhar para trás.

Depois já no quartel, perguntei ao guia, se havia muitos doentes com a doença do sono, provocada por aquelas moscas, infecadas com um parasita, o «tripanossoma».

Que sim, atirou-me e levou-me a ver uma unidade, que existia nos arredores de Teixeira Pinto, onde funcionava uma espécie de enfermaria, que me pareceu meio abandonada, onde «vegetavam» meia dúzia de naturais, que mais pareciam «mortos-vivos».

Recomendou-me para não me aproximar, que era perigoso.

Foi esse guia que também me mostrou outros casos de epidemias que afectavam a população, como a elefantíase



Imagens de elefantíase

e a bouba (uma infecção que ataca a pele, osso e articulações).



Estas epidemias, que para nós, europeus, nada significam, continuam a existir e ceifam milhares de vidas todos os anos.

Serafim Lobato
2TEN RN FZE 69/72

bouba

ESPERANÇA RENOVADA EM PANDEMIA TERMINADA...

Nesta fase do nosso percurso de vida tudo nos parece muito negro.

Pessoalmente, utilizando linguagem de Fuzileiro na Marinha, vou ensaiando umas "nomadizações" entre a sala de jantar, o quarto ou a cozinha, mas não saio do perímetro da unidade há mais de um mês, salvo uma surtida ao supermercado da esquina para comprar umas "rações de combate".

Será mesmo linguagem de fuzileiro?

Talvez não, mais de antigo combatente que julgo termos sido todos os que penaram lá na Guiné, mas também em Angola ou Moçambique, a "brincar às escondidas" com o PAIGC ou com os amigalhaços de outros teatros de conflito.

Julgo que ali o jogo era bastante mais frontal, por vezes a dar para o torto quando menos se esperava, com algumas evacuações para o hospital ou, bem pior, para o velho Continente, sabe Deus em que condições e para que "moradia"... os caixotes também eram em madeira!

Verdade seja que, entre passear num andar de cimento armado alternando a cozinha com a sala de jantar ou fechado dois anos num navio que, qual lata de sardinhas como eram as lanchas em que navegávamos protegendo outros e defendendo a soberania portuguesa naquelas terras (e fossem elas LFG, LFP, LDG, LDM ou LDP), nem representa grande diferença.

Aqui ainda temos algum apoio familiar, mas então lá no outro lado do mundo só nos fazia mesmo companhia a família militar.

Bem, depois ao virar da esquina, que é como quem diz numa curva do rio Cacheu, do



LDM atraca à LFG LIRA algures no rio Cacheu - Guiné 1966/68



LFG ORION entrando no rio Cacheu - Guiné 1966/68

Cumbijá ou noutro qualquer rio de norte a sul, sempre podíamos topar com os nossos anfitriões do PAIGC, sempre hospitaleiros "...dassseeee"!, a treinar na carreira de tiro, para o que utilizavam a orla da mata visando o rio e as lanchas, treinando tiro ao alvo para ajuizar da qualidade da chapa balística montada nas lanchas, tipo máscara de proteção.

Para isso dispunham de equipamento diversificado que desde o canhangulo, no início, ao armamento leve (AL), metralhadora pesada (MP), canhão s/recuo (Cs/R) ou o mortífero RPG 7, valia tudo.

E, meu Deus, que efeito o deste último brinquedo (RPG 7), no final já mesmo adicionando aos sofisticados mísseis.

Lá, sabíamos quem era o inimigo, onde normalmente se acoitava e que armamento contra nós utilizava. De forma idêntica, podíamos combatê-lo e dispúnhamos de armamento eficaz.

Agora, o desconhecimento é quase total e tudo podem ser armadilhas, desde o simples respirar, à conversa ou a acabar no espirro.

O punho da porta da escada, o botão do elevador, notas ou moedas, enfim um mundo completo de "picadas minadas" para os mais incautos.

Cuidem-se, porque não sabemos o quê, onde, como, porquê e quando.

Sobretudo não saiam do vosso aquartelamento e quando saírem protejam-se de acordo



LDM's em patrulha (CF 9) nos canais próximos de Bissau - Guiné 1966/68



LFG's, LFP e LDP de braço dado no cais de Bissau 1968

com as normas da DGS.

Esperança renovada em pandemia terminada!

MLS
1TEN RN, 1965-1972
Guiné, LFG «Orion» 66/68

N.R. Manuel Lema Santos antecipou-se-me meia dúzia de anos no alistamento na Marinha de Guerra Portuguesa e por causa dela nos viemos a conhecer pessoalmente. Hoje, amigos, de vez em quando trocamos cumprimentos, vivências e experiências. Um destes dias fez-me chegar a reflexão acima através do "messenger". Li, gostei e, fez-me tocar as campainhas. Estando no prelo o VOZ DE RETAXO relativo ao bimestre Março/Abril,pareceu-me que "entrava que

"nem ginjas" nos conteúdos do jornal que, face à ausência de actividades da ACSR Retaxo e outras notícias, se dedicará fundamentalmente à crise que estamos a viver. Perguntei-lhe se autorizava a publicação e... cá temos mais um colaborador do VOZ DE RETAXO!

Bem haja, amigo Lema Santos, por este teu contributo para dares a conhecer outras "pandemias" das quais muito pouco se conhece.

Porque eram "pandemias de guerra"!

LFG/LFP - Lancha de Fiscalização Grande/Pequena

LDG/LDM/LDP - Lancha de Desembarque Grande/Média/Pequena

Farmácia CABARRÃO

Propriedade e Direção Técnica
Maria de Fátima Cabarrão
Administração de Vacinas
testes: Glicémia;
Triglicéridos;
Colesterol Total; Gravidez

Telef. 272 998 193 - Fax 272 998 195

Horário: segunda a Sexta 9h às 13h e 14h30 às 19h

Sábados 10h às 13h

Serviço de Disponibilidade 966 126 674

Serviços: Tensão Arterial; Peso/Altura

Rua Outeiro 126 6000-500 CEBOLAIS DE CIMA

João Carreto

Rua Fonte das Freiras N.º 15
6000-621 Retaxo
Castelo Branco

Telefone: 272 998 218
Telemóvel: 966 266 381
NIF: 131740407



CAFÉ PARIS



de Hugo Daniel Mendes Tavares

Bebidas, Petiscos e Máquina de Diversão

Rua Chão do Madeiro, nº. 12

Telefone: 272997367 - 6000 - 621 Retaxo

HISTÓRIAS DE VIDA

é uma rubrica que recorda a uns e dá a conhecer a outros como se vivia



AVÔ e PADRINHO ZÉ

José da Silva Fernandes Bouceiro, que também assinava José Da Silva Bouceiro, nasceu a 3 de Outubro de 1911, na Aldeia de Carvalho, que hoje se chama Vila Nova do Carvalho (Covilhã).

Embora fosse o segundo filho do casal Manuel e Josefina, viria a ter mais sete irmãos, quatro homens e cinco mulheres.

O pai Manuel era operário fabril no sector dos lanifícios na cidade da Covilhã, que já começava a ter algumas fábricas, tendo vindo a tornar-se um importante pólo da indústria de lanifícios no nosso país, no século XX.

A mãe Josefina era doméstica e os afazeres caseiros e tomar conta da prole ate que eles fossem trabalhar para ajudar a família, pois os recursos eram fracos, eram as suas ocupações.

Assim o meu padrinho Zé, como tanto gostava que eu o tratasse (embora ele fosse meu avô paterno) também era meu padrinho de baptismo. Com a tenra idade de sete anos iniciou a sua carreira no mundo dos lanifícios. Segundo ele a tarefa apresentava-se difícil, se não imaginemos uma criança tão jovem, sózinho, descalço, já que as primeiras botas que teve já tinha quinze anos de idade, invernos frios junto à Serra da Estrela, malnutrido, trabalhavam dois dias na fábrica e pagavam-lhe um e, os mestres, quando não gostavam do trabalho que faziam, repreendiam-nos e até os agrediam fisicamente.

Se calhar foram estas condições tão duras e adversas que moldaram o carácter e personalidade do meu padrinho Zé, um homem destemido sempre pronto a ajudar o próximo, leal, expedito e justo, qualidades que eu tanto apreciei porque o caracterizavam.

Os anos foram passando e o meu bisavô Manuel foi convidado para ir trabalhar para Cebolais de Cima onde a indústria de lanifícios começava então a ter alguma expressão e para ali levou consigo a família toda. Todos os irmãos homens do meu padrinho tiveram uma vida ligada aos lanifícios, não só em Cebolais mas também noutras lugares.

O meu padrinho foi tendo trabalho nos lanifícios até que, corriam os anos 30, chegou a altura de ingressar na vida militar, como ele denominava a tropa. Foi colocado na Escola Prática de Cavalaria, que na altura estava sedeadas em Torres Novas, onde teve como Comandante de Esquadra o jovem oficial António de Spínola. Os cavalos decididamente não eram a sua vocação. Dizia que eram bravos e não se deixavam domar. E então enveredou pela



especialidade de "barbeiro" até terminar o serviço militar.

Chegado ao Retaxo, onde então a sua família morava, casou com a minha avó Ana, filha de agricultores, e não tendo conseguido um emprego nos lanifícios e não estando apto nem com vontade de aprender as artes agrícolas, abriu uma barbearia e dedicou-se à caça para vender. Estamos a falar de uma época que se caçava todos os dias e havia muita caça, pois os campos estavam todos cultivados, não faltando alimento às espécies cinegéticas. Contou-me que num ano abateu 86 lebres, que vendia a oito escudos cada uma. No Retaxo poucos caçadores havia, seriam apenas ele, Zé Bouceiro e os amigos João e Agostinho Ribeiro.

Mas o apelo dos lanifícios era maior e lá acabou por arranjar trabalho nas fábricas.

A par do gosto pelos lanifícios tinha também uma paixão que era o fado, tocar guitarra e cantar, cantar sobretudo de improviso o chamado fado à desgarrada. Uma coisa que sempre me impressionou foi como é que um homem com um grau académico tão baixo, nesta altura só tinha a segunda classe da instrução primária, vindo muito depois e só quando necessitou de tirar a carta de condução, a obter o diploma da quarta classe, tinha um vocabulário tão diverso e facilidade em construir versos e rimas.

Tendo decidido trabalhar por conta própria, fundou então uma fábrica de lanifícios na Foz Do Cobrão, localidade do concelho de Vila Velha de Rodão, fábrica movida pela força das águas da ribeira da Foz que desagua no rio Ocreza, só que para conseguir o alvará de funcionamento da fábrica, o que era difícil porque a concorrência também interferia negativamente no licenciamento, o Zé Bouceiro teve de marcar uma audiência com o então todo poderoso Presidente do Conselho, Oliveira Salazar. Foi recebido e autorizada a laboração

da fábrica. A lá que era trabalhada na fábrica da Foz do Cobrão era depois por ele transportada, em mulas, para Cebolais de Cima.

Depois de a fábrica da Foz fechar, pois deixou de ser rentável a sua laboração, mais uma aventura. O avô Zé, com a família atrás, foi até Águeda e ali criou um nova fábrica, esta de sociedade com o irmão Jerónimo, que não só fabricava lanifícios mas também campainhas para bicicleta da marca Valle.

Trabalhou ainda na CUF durante algum tempo, uma experiência nova em todos os aspectos face à modernidade da tecnologia. Ali aprendeu a ler esquemas de montagem de máquinas, o que lhe viria a ser muito útil no futuro. Foi nessa época que viveu o fado em Lisboa, em boites e outros lupanares cantou o fado à desgarrada, chegou a conhecer o grande Alfredo Marceneiro, Alfredo Farinha e até o Zé Santa Camarão, o nosso grande pugilista de nível mundial. Nessa Lisboa do fado e dos marialvas, contactou com o meio operário do Barreiro e as suas lutas e ideais e era realmente com os operários que ele se sentia bem.

Ainda trabalhou em São Romão (Seia) e Castanheira de Pêra até que, finalmente regressa a Cebolais de Cima onde, no inicio dos anos 60 arrendou à família de Manuel Lopes Romãozinho, a Fábrica de Cardação e Fiação da Latada, Lda., e ao mesmo tempo montou junto à sua casa em



Retaxo, uma fábrica de pasta de algodão e uma pequena tecelagem. Tendo a pasta de algodão perdido interesse económico, acabou por ficar apenas a tecelagem.

No inicio dos anos setenta terminou o contrato de arrendamento da Latada e além da tecelagem em Retaxo enveredou pela montagem de máquinas de lanifícios onde fosse necessário.

Também no inicio dos anos 70 apareceu um outro projecto. Em parceria com um novo sócio e em Moçambique, acalentou a ideia de ali fundar uma fábrica de transformação de algodão, porque se dizia que o algodão moçambicano era de muito boa qualidade. Esse projecto não se veio a concretizar, em parte devido à revolução de Abril e posterior independência daquela antiga colónia.

Como estava ligado à montagem de maquinaria de lanifícios, chegou a Holanda acompanhando investidores do ramo para ali adquirirem novas máquinas.

Dedicou-se ainda à serralharia civil e torneiro mecânico, fez portas, portões e janelas, de que hoje ainda há exemplares no Retaxo e aldeias próximas.

Conforme atrás referi, no início da década de sessenta obteve a carta de condução e comprou um automóvel, um Opel Kadett. Refira-se que a condução automóvel nunca foi o seu forte, mas lá se foi desenrascando de acordo com as suas necessidades.

A paixão pelo fado nunca esmoreceu e dava-lhe um prazer tremendo, vibrava ao alegrar festas e convívios. Estava-lhe no sangue e numa das vezes em que foi a uma dessas tertúlias a que chamavam de "paródia", também o acompanhou ao Freixial do Campo. Começou num jantar e terminou ao nascer do dia, comigo a dormir dentro do automóvel!

Que boas recordações tenho do

Num dia da festa de "OS JOSÉS", nos anos 80 e na ADRR - Augusto dos Santos (acordeon), José Bouceiro, José Grade, José Ribeiro, José Duque e José Rodrigues, hoje já todos falecidos.



meu avô e padrinho!

Ensinou-me a nadar, foi com ele que tive o primeiro contacto com armas de caça, ensinou-me a carregar os cartuchos de caça, fui com ele a inúmeras caçadas e ensinou-me a tocar guitarra portuguesa. Do meu padrinho e para todo o sempre guardo na memória, o homem, o artista, o companheiro, o boémio, mas também o trabalhador com elevado espírito de responsabilidade.

Quando já estava doente e fraco, com diabetes e outras maleitas, as pessoas davam-lhe conselhos para se resguardar, ter cuidado. Respondia que se formos cuidadosos duramos pelo menos 125 anos e se não o formos duramos 120! No meio de tantos anos que diferença existe, perguntava.

No inicio dos anos 90, eu trabalhava em Lisboa. Quando partia para Lisboa ia sempre despedir-me do meu avô Zé e ele dizia-me:

- Sabes qual é o meu maior desgosto?

- É não ter a tua idade! Irmos os dois para Lisboa cantar o fado!...

Há um verso dele que nunca vou esquecer. Estava a cantar ao desafio com um homem que, não sendo padre, frequentava os meios eclesiásticos, e que a cantar lhe perguntou quem tinha criado o mundo, o universo?

E o meu padrinho respondeu assim: - Isto do mundo é um pego sem fundo, quem fez o céu e a terra, fez o resto do mundo!

E chegámos finalmente ao inicio do ano de 1991, o último, o derradeiro. As forças já eram poucas, o fim estava a aproximar-se, mas o carinho pelo neto e a lucidez estavam lá, era ainda o Zé Bouceiro e, então disse-me a jeito de confissão: - Estou no fim, mas vou dizer-te que os lanifícios nos Cebolais e no Retaxo e noutras localidades de Portugal, são os que melhor conheço e estão a um passo do fim. O parque industrial é velho e absoleto, a mão-de-obra é pouco qualificada, os padrões e os produtos que fabricam são os mesmos de sempre, pouco diversificados e não há gestão à altura dos desafios que aí vêm!

E parece que assim foi!

E assim chegou o dia 16 de Fevereiro de 1991, dia em que o meu avô e padrinho faleceu, tendo sido sepultado no cemitério de Retaxo, a sua terra adoptiva.

José Manuel Bouceiro

ZÉ BOUCEIRO- O operário, o mestre, o fadista e o cozinheiro que gostava de viver

O Ti Zé Bouceiro

Aqui se citam, com as desculpas para algum que se tenha perdido, todos amigos e tertulianos com o Ti Zé Bouceiro, Joaquim Alfredo, Elísio Alfredo, João Alberto, Alfredo Ferreira, Domingos "Galguenho", Alberto "Schwepps", Antero, João Lourenço, Armindo Fígaro, Afonso Carrolo, e mais alguns menos assíduos ou visitas de escola feita de amizade como os Daniel e o Carlos.

Conheci-o, já não sei em que ano, como Mestre da Latada (Fábrica de Cardação e Fiação da Latada, Lda^a).

Tenho bem presente, pela manhã, quando pressentia movimento em casa de meus pais, o bater da mãozeira da porta, os bons dias já a subir as escadas acompanhado do inevitavelmente estranho, na primeira vez, "já hoje comi 1 kg de pau" ... - Já hoje comeu o quê, ti Zé? - 1 Kg de pau, 1 kg de castanhas... E bebia-se mais uma

Na página 4 da VOZ DE RETAXO de 1989, foi publicada a entrevista a José da Silva Fernandes Bouceiro que hoje republicamos. Mas, porque a vida de mestre Zé Bouceiro, que conhecemos e com quem privámos ao longo de toda a década de 60, nos parece uma vida que merece ser conhecida em todas as suas vicissitudes, desafiámos o seu neto e afilhado José Manuel Bouceiro e o meu irmão Elísio Alfredo, a darem-nos a conhecer a personagem multifacetada encarnada num homem bom, amigo do seu amigo e das terras adoptivas, Retaxo e Cebolais, que o acolheram na maior parte da sua vida.

chávena de café de mistura feito na cafeteira de barro à roda do lume da lareira, a acompanhar uma das filhoses que as mãos da minha mãe tinha amassado e tendido.

As férias eram, naquele tempo e na nossa casa, ponto obrigatório de encontro para os da minha idade. Por causa, entre outras coisas, da música e dos inefáveis petiscos por arrebentamento. Mas também pelas tardes passadas na batota da sueca com os parceiros ti Zé Bouceiro, o António Baloja, o meu primo Alfredo e o meu irmão, que a noite era mais dada ao truque de quatro, de seis ou de oito conforme os presentes.

Qualquer motivo era pretexto para um petisco: um coelho

caçado nas barreiras do minhoto com a ajuda dos batedores e os imprescindíveis Boneco e Oriente, os cães, pelo Natal, ou uma meia dúzia de tartulhos apanhados à pressa, a meia tarde, pela Páscoa. Os mantimentos eram canalizados para a Latada onde, com todos a ajudar, Mestre Zé Bouceiro punha à prova os seus dotes para a culinária. Quem o queria ver contente, não estarei a mentir, era com a malta mais nova. Conversava-se, comia-se e bebia-se como que a abrir o apetite para a noite.

Que à noite... bem, à noite, no nosso terraço, que ainda não havia marquise, à luz da lâmpada, que nem era muito forte, com a lua

João A. Pires Carmona

a escoar-se por entre as estrelas, enquanto Nazaré, a minha mãe, lavava a loiça na torneira e no alquidar à saída da porta da cozinha, saltavam o bandolim, o acordeão, as guitarras, as violas e soltavam-se as gargantas dos cantadores. Ou à desgarrada, com o Ti Zé a marcar as inspirações ou recorrendo ao seu imenso repertório daqueles fados de quatro estrofes, que tinha aprendido com os tocadores e

cantadores de feiras em tertúlias que em tempos teria partilhado, as noites ganhavam vida que acabava, normalmente, quando algum se lembrava que "amanhã é dia de trabalho, caraças!" ...

O meu irmão, que não tinha jeito para cantar mas sabia ouvir e escrever, foi recolhendo muitas das estrofes que se foram ouvindo naqueles serões e noutras "paródias". Não sendo a mais relevante, porque há tantas outras, não resisto a publicar, pela importância que tem para mim, as estrofes que no dia 27 de Novembro de 1970, o mestre Zé Bouceiro, me dedicou a propósito da minha despedida para a comissão militar da Guiné...

GINA 4

Conversando com...

sim os bailes. Ia daqui aos Perais, Amarelos e outras terras, a pé, onde ia fazer esses bailes muitas vezes cantar o "descante". As raparigas desse tempo eram muito embelezadas.

Era frequente existirem zaragatas nos bailes e entre Retaxo e Cebolais de Cima era uma guerra tremenda. Havia "pedrada e tiros" entre uns e outros.

V.R.-Como se alimentavam no seu tempo de criança e jovem?

J.B.-Nesse tempo a alimentação era à base de sopa, batatas e de vez em quando uma sardinha.

Algumas matavam o seu "porquito". Fruta muito pouca, uma laranja ou maçã e era tudo.

Em Retaxo, mesmo assim, não se vivia muito mal a comparar com outras terras.

V.R.-Quais as Romarias que mais frequentavam?

J.B.-Além da nossa Festa, S^a da Guia, as mais fortes eram a S^a da Alagada e também a S^a da Póvoa.

Nesse tempo todos se deslocavam a pé, em burros ou carros de bois.

V.R.-Para finalizar, qual a sua opinião sobre o Boletim "Voz de Retaxo"?

J.B.-Acho que fazem bem em continuar. É com iniciativas desse tipo que se divulga e engrandece a nossa terra.

MARIA LUCINDA SOBREIRA GOMES
PAULA CRISTINA NUNES GOMES

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR: JOSÉ LUIS AFONSO PIRES

COLABORADORES: JOSÉ MANUEL AFONSO PIRES

MARIA LUCINDA SOBREIRA GOMES

JOSÉ MANUEL VALENTE CARDOSO

PAULA CRISTINA NUNES GOMES

JOAQUIM JOSÉ VALENTE CARDOSO

MARIA MANUELA PIRES GONÇALVES

MARIA MANUELA GOULÃO SEBORRO.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

Rancho Folclórico de Retaxo

PUBLICADO KM 142-41

Sede: Rua Capitão José Belo, 15

RETAXO 6000 CASTELO BRANCO

(PRESA BAIXA)

DIVULGUE

A IMPRENSA

REGIONAL

QUANDO A INSPIRAÇÃO DITA!
I Vou deixar-te minha querida Meu destino está marcado Gozar o resto da vida Como um valente soldado
II Não tenhas pena pois não No dia que eu embarcar Vou a ser um valentão Lá na vida militar
III E se eu um dia voltar Minha história te contarei Não vale a pena chorar Eu sei bem o que eu sei
IV Eu de arma vou armado Não tenho medo de ninguém Sou um valente soldado Olha não chores meu bem
V E se eu por lá ficar Minha pena é a tua Fui de soldado a armar E de pistola para a rua
VI E de calça arregaçada Minha boina ao revez Fui um valente soldado Quando eu voltar outra vez
VII Muitas lágrimas e carinhos Por mim hei-de chorar E por uns bons caminhos Eu conto ir andar
VIII E não me queiras beijar No dia da despedida Para eu não me lembrar Dos teus beijos minha querida
IX Não é dia de festa Embora a função o pareça Só desejo como esta No regresso aconteça
X É preciso ter cabeça E não se deixar entornar Não fazer o que lhe apeteça Para são e vivo voltar
XI Vou para a guerra vou marchar Ai não me esqueço de ningum Só cá levo no meu pensar Meu pai e minha mãe
XII Minha namorada está bem Eu ainda não sei quem é E tudo corre por além E valha-me São José
XIII E se quem beber quem é Ando muito a procurar Eu levo debaixo do pé Até que eu possa voltar
XIV E eu não te vejo além Eu tenho que embarcar Levo uma guitarra também Viola para me acompanhar
XV E se um dia cá chegar Quero chegar em bem E eu te hei-de ir buscar Deixa-te estar que estás bem
XVI Ao som das ondas do mar Eu não sei o que farei Para as minhas nota passar Todas as noites cantarei
XVII Veja se me dá licença Agora um poucochinho Não deve ser mal parecença Beber um copo de vinho.
Zé Bouceiro
Nota: Nos comes e bebes e nas cantorias participaram: Mestre Zé Bouceiro (o cantador), Joaquim Alfredo, Domingos Alfredo, Elísio Alfredo (o homenageado), Zé Vinagre (que também já para a Guiné e na mesma unidade - CFZ 11), João Alberto, Alfredo Ferreira, Joaquim Ferreira E João Manuel (Boleto)

Os anos 60 foram assim, feitos de amizade e convívio!

A tropa, a guerra colonial, interromperam um ciclo da nossa vida que terminou ali..., porque mudou as nossas vidas!

Elísio Alfredo

Salão Paula



Cabeleireira
Bairro da Sr^a. da Guia
Telefone: 272 989884 6000 - 621 RETAXO

Luis Belo
Telm. 966 452 422

luisbeloautomoveis@gmail.com | R. Agostinho Belo - 6000-621 Retaxo

Compra e venda
Veículos Automóveis Novos e Usados

LADA



ZONAUTO, LDA

Reparação, peças e venda de Automóveis

Telef. 272329442
6000 - 997 Castelo Branco

Manuel Dias Gonçalves

Com a idade de 89 anos, faleceu no dia 6 de Abril o nosso associado Manuel Dias Gonçalves.

Depois de muitos anos em França, país em que com a sua mulher trabalharam até à reforma, regressaram à sua terra para aqui usufruírem de um merecido descanso e sem compromissos profissionais.

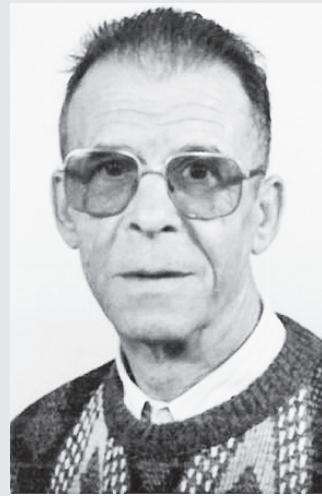
Nos últimos tempos o Ti Manuel tinha visto os seus problemas de saúde agravarem-se, e deixámos de o

ver no Café Retiro (café do Russo), local onde ia diariamente tomar o seu café.

Há muitos anos que era associado da nossa colectividade e participou em muitos eventos que realizámos, sempre acompanhado da sua esposa.

Que a sua alma descance em paz e condolências a toda a sua família.

Até um dia Ti Manuel Portela!



José Luís Pires

9 de Maio de 2020 (sábado) Convívio dos FILHOS DA ESCOLA

do distrito Castelo Branco
com o apoio da CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO



LOCAL: restaurante QUINTA DAS OLELAS (Represa)
(10 kms a SUL de Castelo Branco, junto à A23 / IP 2 – saída km 109 para Samadas/Cebolais e seguir EN 3 sentido Castelo Branco, sair à direita para Retaxo/Cebolais e seguir indicações do restaurante)

PROGRAMA: data a indicar

12.00 – concentração

12.30 – aperitivos/almoco

15.30/17.00 – actuação do GRUPO DIXIELAND

18.30 – lanche ajantarado

Organizações:

João Gonçalves (S. Vicente da Beira) – 968 039 610

Carlos Pereira (S. Vicente da Beira) – 924 281 136

Américo Ginja (Café do Russo) – 963 829 216

João Carmona (Café do Russo) – 963 3787 17

João Mendes (VVRódão) – 968 277 717

Joaquim Lopes (Amarelos) – 967645888

INSCRIÇÕES até 15 de Abril de 2020 Preço estimado: 30 (trinta) marujos

devido COVID 19

Rua dos Palheirinhos (Cebolais)!...chegou a sua hora!



Quando chegará a hora da LATADA?...Tardará? Era bom que não!

MULTIBANCO regressou a Cebolais!



Fruto duma situação antecipadamente anunciada, em Janeiro e de um dia para o outro a caixa multibanco foi retirada de Cebolais. Como habitualmente “só depois de casa roubada...” se moveram vontades e influências – que até meteram deputados da Assembleia da República! – para que as gentes de Cebolais, Retaxo, Alfrívida, Vale Pousadas, Perais, Sarnadas, Benquerenças,... voltassem a dispôr de tal comodidade. Tardou 3 longos meses, mas chegou e foi instalado no edifício sede da Junta de Freguesia, também ele já Posto dos CTT.

Valeu o esforço e TODOS AGRADECEMOS! PORQUE FAZ MESMO FALTA, já que além de “dar” dinheiro ainda permite que todos nós poupemos os tostões das deslocações...

João A. Pires Carmona

NECROLOGIA

- Ana da Piedade, 95 anos, dia 1 de Março, residente em Retaxo;
- Fausto Rodrigues Nunes, 83 anos, dia 3 de Março, residente em Represa;
- Olívia da Piedade Miguens Lopes, 82 anos, dia 4 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- António José Pinto Ramos, 64 anos, dia 4 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Maria Cândida, 94 anos, dia 19 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Nazaré Pereira Ribeiro Duarte, 92 anos, dia 23 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Maria Miquelina Mendes Nunes Moura Farinha, 82 anos, dia 27 de Março, residente em Cebolais de Cima;
- Manuel Dias Gonçalves, 89 anos, dia 06 de Abril, residente em Retaxo;
- Manuel Alves dos Santos, 76 anos, dia 15 de Abril, residente em Cebolais de Cima
- João Lopes Louro, 90 anos, dia 28 de Abril, residente em Cebolais de Cima

SENTIDAS CONDOLÊNCIAS DA ACSRF Retaxo A SEUS FAMILIARES E AMIGOS



Cristóvão Mendes
Telemóvel 963 290 155
Mail: cristovao.mendes@c-consulting.pt
Site: www.c-consulting.pt

Consulting
SOLUÇÕES EMPRESARIAIS

Estrada do Montalvão
N.º 67 R/C - Loja 1
6000-050 CASTELO BRANCO

FICHA TÉCNICA

Propriedade e Edição

Boletim FOLCLORE –
desde Novembro 1985

Boletim/Jornal VOZ DE RETAXO –
desde Janeiro 1989

Rua Capitão João Belo, nº 15

6000-621 Retaxo

Tel./Fax – 272 99 7151

NIPC 501 895 108

Email - acsrfretaxo@gmail.com

Web – <http://acsrfretaxo.org>

Publicação ao abrigo do disposto no:

Artº 12º 1. a) do Dec.Reg. 8/99 de 9 de Junho

Voz de Retaxo

Director:
João A. Pires Carmona

Colaboraram neste número:

Alígio Saraiva
Carlos Barata
Carlos Ribeiro
Conceição Correia
Cremilda Oliveira
Elísio Alfredo
José Luís Pires
Manuel Lema Santos
Serafim Lobato

